

Maria João Pinto-Coelho

Por Maria Clara de Maio
Foto: Andrés Otero

O lighting design em Portugal

HÁ MUITAS RAZÕES PARA REALIZAR E PUBLICAR UMA ENTREVISTA com Maria João Pinto Coelho. Além de pioneira em seu país – Portugal, no que se refere a projetos de iluminação, a arquiteta e lighting designer possui vasta experiência em projetos de iluminação arquitetônica e urbana, tendo implantado, em diversos centros e monumentos históricos, uma nova dimensão pela luz.

Titular da Lightmotif.architectura, primeira empresa de lighting design e arquitetura portuguesa, Maria João graduou-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa em 1985, e fez mestrado em Luz e Iluminação “Light and Lighting” na Escola Bartlett de Arquitetura, na Universidade de Londres, como bolsista da fundação Calouste Gulbenkian. Entre 1992 e 1996, com uma concessão da Fundação Nacional para a Pesquisa Científica e Tecnológica, realizou pesquisa na iluminação urbana e ambiental, obtendo seu Phd. na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, em 1996, com a tese intitulada “A importância da iluminação na imagem da cidade: opções axiais e configuração urbana”.

Nesta entrevista, a arquiteta nos conta um pouco de seu trabalho e revela o quanto ainda é incipiente a atividade de lighting design em seu país. Para quem quiser ter o prazer e a oportunidade de partilhar mais de seu conhecimento, vale lembrar que Maria João estará no Brasil para uma palestra no Multilux 2007, segundo Seminário Internacional de Iluminação em Belo Horizonte, em setembro.



Lume Arquitetura: *Nós gostaríamos de conhecer um pouco sobre o início de seu envolvimento com a iluminação arquitetônica, sua história e seus objetivos profissionais.*

Maria João: Estudei Arquitetura na Universidade Técnica de Lisboa, fiz um mestrado em Luz e Iluminação “Light and Lighting” na Escola Bartlett de Arquitetura, em Londres. A oportunidade de estudar um tema completamente desconhecido foi o que me aliciou para integrar este curso. Tinha já formação na área do

planeamento urbano, pós-graduação em conservação e restauro de monumentos e edifícios antigos. Em iluminação, não tinha qualquer preparação. Não sabia o que era uma lâmpada!

Fundei a Lightmotif.architectura, em 1º de janeiro de 2000 primeira empresa portuguesa de lighting design e arquitetura que desenvolve exclusivamente projetos de iluminação para atender as expectativas levantadas por projetos de arquitetura, as demandas de clientes ou específicas para as necessidades urbanas.

Lume Arquitetura: *Como a iluminação é considerada em Portugal, sob o ponto de vista dos profissionais e de projetos. Há alguma entidade que concentre os interesses de profissionais e/ou as empresas do ramo?*

Maria João: Não existe uma associação de profissionais de design de iluminação em Portugal. O que existe é uma associação que reúne fabricantes e distribuidores de produtos de iluminação. Isso se deve ao fato de não existirem lighting designers independentes de interesses comerciais, para criar uma associação. O que eventualmente existe são profissionais que não exercem de forma independente esta atividade. Nós, atualmente, temos a Lightmotif como única empresa de design de iluminação que trabalha exclusivamente os conceitos de design de iluminação, não associado a nenhum fabricante, a nenhum distribuidor, nem a nenhuma instituição privada ou pública. Sou a única lighting designer membro profissional da IALD em toda a Península Ibérica! Isto revela bem o caminho a percorrer...

Lume Arquitetura: *Por que poucas pessoas atuam como lighting designer em Portugal?*

Maria João: Primeiro, porque há um problema de formação. Em Portugal não existe formação na área desta especialidade, portanto raras são as oportunidades para que as pessoas percebam que esta é uma especialidade para se desenvolver e exercer. Eu diria que esta é a razão principal. Também o fato de não haver a exigência de um especialista nesta área para resolver os problemas de iluminação, é um desestímulo para quem trabalha na área pela falta de exigência que isso acaba por gerar. Não existindo a exigência, não existe a motivação de profissionais para se especializar nesta área. É um ciclo que tem que ser quebrado.

Lume Arquitetura: *No Brasil há alguns cursos de pós-graduação, e a perspectiva*

de atuação neste mercado, em crescimento pelo mundo, tem levado alguns arquitetos graduados há algum tempo ou recém-formados, a fazerem cursos fora do País. Para quem está em Portugal, cursos promovidos pelas associações de lighting designers na Europa não seriam uma opção viável? Ou a falta de interesse na área está diretamente ligada a falta de valorização do projeto de iluminação, como elemento indispensável da arquitetura?

Os arquitetos portugueses ainda não perceberam a importância e necessidade que um projeto de arquitetura exige nesta especialidade que é a iluminação.

Por isso é muito difícil criar uma dinâmica que estimule os estudantes, uma nova geração a aderir a uma especialização em lighting design.

Maria João: Em Portugal existiu um mestrado de Desenho Urbano, que aconteceu durante quatro anos consecutivos, de 2000 a 2004. Uma disciplina que eu ministrava ensinava iluminação urbana e ambiental, no âmbito deste mestrado. Essa foi a primeira formação básica que existiu em nosso país. Depois disso também dei um único curso de 30 horas para arquitetos, paisagistas, engenheiros e outros profissionais sobre conceitos fundamentais de iluminação. Hoje em dia o que recentemente existe é um curso questionável na Faculdade de Arquitetura. Digo questionável, porque a meu ver, possui bases e conceitos incertos, e que, eventualmente,

pode estar cometendo erros nos primeiros passos de uma formação profissional mais continuada. A respeito dos workshops da ELDA [Associação Européia de Lighting Designers, hoje denominada PLDA, Professional Lighting Design Association], nenhum português até agora frequentou qualquer um deles, possivelmente pela falta de informação. Em 2005 estive como palestrante em um workshop da ELDA, e nenhum estudante português participou.

Neste momento os grandes problemas em Portugal são os distribuidores e fabricantes que se intitulam profissionais que fazem projetos, e não haver, por parte do cliente, qualquer exigência com relação à capacitação do projetista e à qualidade do projeto. Os arquitetos portugueses, os paisagistas portugueses, ainda não perceberam a importância e necessidade que um projeto de arquitetura exige nesta especialidade que é o design de iluminação. Quando isso acontece, passa a ser muito difícil criar uma dinâmica que estimule os estudantes, que estimule uma nova geração a aderir a uma especialização em lighting design. E aí só há benefício para quem vende, distribuidor e fabricante. Eles são os grandes beneficiados da ignorância generalizada.

Lume Arquitetura: *O que você conhece sobre o mercado brasileiro de iluminação?*

Maria João: Muito pouco. O que conheço tem sido através de vocês. Aliás, lembro que no início da revista escrevi um e-mail, pois despertou minha admiração a Lume Arquitetura. Também conheço pessoalmente de eventos internacionais, o lighting designer Gilberto Franco, de São Paulo, e Mônica Lobo e Inês Benévolo, do Rio de Janeiro, que encontrei há dois anos nos EUA. Também conheço uma jovem profissional, Diana Joels, que atua em design de iluminação e que neste momento não está no Brasil, está trabalhando em Barcelona. Ela esteve na Lightmotif durante um mês, ano passado, e participou de um workshop

da ELDA e no workshop que decorreu em Torres Vedras, em Portugal, nos quais estive presente como palestrante.

Lume Arquitetura: *E o que você acha do trabalho dos profissionais brasileiros e do mercado que você pôde vislumbrar através da nossa revista?*

Maria João: Eu acho que há de tudo um pouco. Ou seja, há muitos projetos que focam mais a instalação, e que denunciam uma dependência com fabricantes e há trabalhos mais profissionais, feitos realmente por designers de iluminação. Há muita coisa, pois o país é muito grande e minha informação é feita a uma distância considerável. Não seria justo eu fazer grandes dissertações sobre o assunto. Mas eu fiquei muito impressionada pela quantidade de trabalho já desenvolvido e acho que vocês estão muito à frente de nós, anos-luz.

Lume Arquitetura: *Gostaríamos de tratar de uma de suas especialidades agora. O que propõem os conceitos da Iluminação Urbana e Ambiental? É um conceito seu?*

Maria João: Este conceito, com a minha tese de doutorado, foi o termo que criei para pesquisar a minha forma de estar na iluminação em espaços públicos. Portanto define abordagem e a minha forma de ver e de produzir visualmente em determinado espaço, a cidade. Define minha cultura de iluminação. É um termo que sintetiza todo um hábito projetual. Pela minha formação como arquiteta, o termo sintetiza o fato de que a cidade tem que ser vista como um todo, como um sistema em que os projetos arquitetônicos não podem ser dissociados dos espaços em que se inserem.

Há a necessidade de contextualizar os objetos arquitetônicos da cidade, que é um sistema complexo, um sistema dinâmico, de três dimensões. É um sistema que tem hierarquia, que tem proporção, que tem uma escala. Todas estas lições só são possíveis de serem entendidas e revogadas por um arquiteto. O arquiteto está sempre

em vantagem, devido ao conhecimento aprofundado de sua formação, e esta aproximação que o permitiu rapidamente assumir o papel como designer de iluminação, não especificamente neste contexto, mas nesta forma de ver e nesta forma de estar.

O conceito resultou do fato de não concordar com a separação, que sempre se faz, entre a iluminação pública e a iluminação de monumentos! A imagem da cidade só pode ser verdadeiramente encarada quando consideramos o espaço

A imagem da cidade só pode ser verdadeiramente encarada quando consideramos o espaço urbano como um todo, como um master visual piece, produto de uma intervenção global e integrada a ser construída de acordo com seu próprio potencial urbano.

urbano como um todo, como um master visual piece, produto de uma intervenção global e integrada a ser construída de acordo com o próprio potencial urbano traduzido pelas relações axiais do sistema onde a atividade comercial, social e política se desenvolve e manifesta.

Lume Arquitetura: *Você conseguiu em algum espaço urbano colocar em prática esta sua tese de mestrado?*

Maria João: Com o tempo eu consegui várias coisas. Numa primeira fase, o interessante é que ninguém tinha noção do que era design de iluminação. Ou seja, conceitualmente, defender projetos de iluminação de edifícios, como se a praça ou o entorno também fizesse parte da área

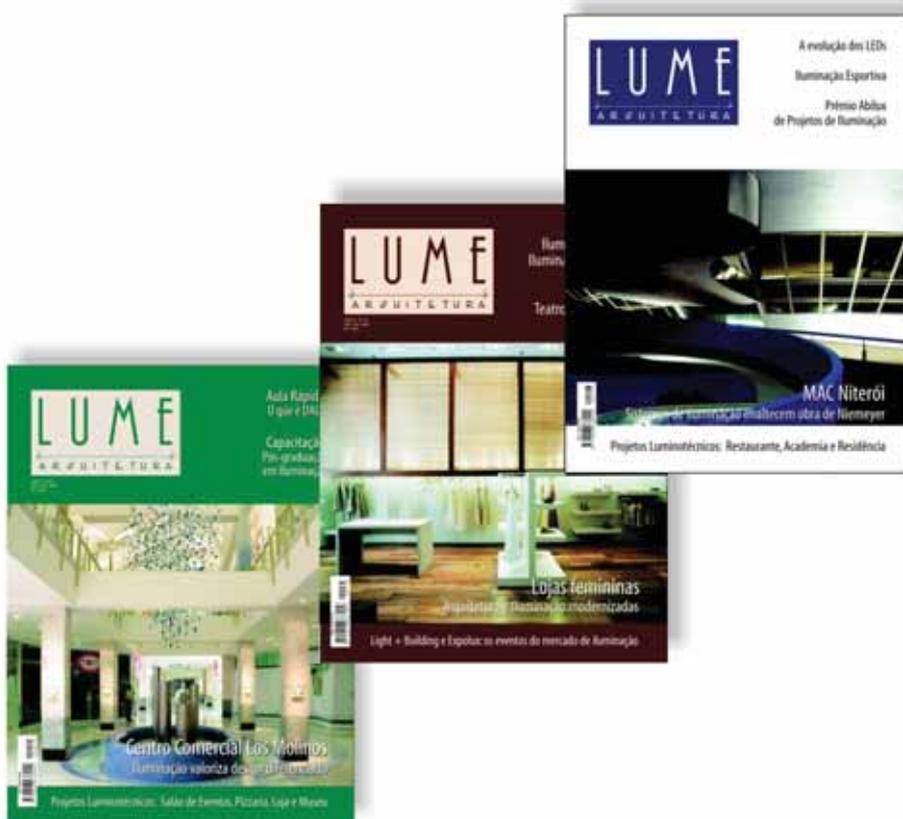
dentro da iluminação, parece pouco, mas é uma grande conquista. Consegui introduzir o conceito de iluminação de monumentos históricos, adotado como estratégia de iluminação para todo o centro histórico, permitindo assim integrar o conceito de iluminação urbana e ambiental. Aproveitando a exigência de intervir em centros históricos classificados como Patrimônio Mundial, o conceito foi melhor assimilado permitindo, assim, iniciar este processo. Consegui implantar o conceito “programa de iluminação”, um termo meigo, mas muito defensável e fácil de ser aceito como uma primeira fase, em termos de iluminação de um sítio histórico. Hoje em dia, as pessoas chamam de “plano” para dar um ar mais importante à questão. Eu acho mais honesto a palavra “programa” para classificar a estratégia de iluminação para um centro histórico. Sendo que este programa deve, sim, fazer parte de um plano de preservação, de um plano de pormenor, de um plano de intervenção com vários outros componentes.

E, efetivamente, consegui desenvolver em Portugal alguns programas de iluminação para centros históricos, dos quais muitos foram aprovados pelas respectivas prefeituras (Évora, Sintra, Arraiolos), mas que só um conseguiu realizar o conjunto de projetos significativos ao fim de 10 anos de trabalho! Depois dessas experiências, fui convidada, pelo arquiteto e lighting designer mexicano Gustavo Avilés, para concorrermos e depois realizarmos – uma vez que vencemos a concorrência – o plano de iluminação para a cidade de San Luis Potosí, no México, cujo projeto foi feito e instalado. O projeto de San Luis Potosí revela, para mim, a maturidade de percurso, porque me permitiu exercer durante um período muito curto, algo que em Portugal não tem sido possível, devido a demora da execução dos projetos. No caso de San Luis Potosí, o nítido interesse da câmara e do próprio governador em colocar San Luis Potosí no cenário mundial levou o projeto adiante. Fazer este trabalho, que ►

Anuncie

Lume Arquitetura. Os melhores clientes são os que têm acesso à melhor informação.

Um profissional bem informado reconhece o que é tradição, sem ter medo do novo. Conhecimento é poder. Por isso, Lume Arquitetura é lida pelos melhores profissionais do mercado. São arquitetos, lighting designers, engenheiros, pessoas interessadas em conhecer o produto ou serviço que você tem a oferecer. Anuncie em Lume Arquitetura e ganhe visibilidade na melhor revista do segmento de iluminação.



Publicidade Lume Arquitetura

(11) 3801 3497

publicidade@lumearquitectura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

LUME
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação

eu adorei, é um bom exemplo de viabilidade e realização de um programa em pouco tempo, e com empenho de tanta gente. Foi um exemplo que superou um problema comum a estes programas, geralmente atrelados a decisões políticas, e que normalmente demandam tempo para serem consolidados.

Lume Arquitetura: *Como a Iluminação Urbana e Ambiental pode agir como instrumento modelador do espaço urbano noturno?*

Maria João: Tendo como base o sistema artificial da cidade, podemos e devemos definir a iluminação através destas relações espaciais que podem ser estudadas para cada cidade. Existe uma metodologia que permite fazer a análise do espaço público para que a iluminação possa aproveitar esta leitura para melhor “instalar” o espaço público. A iluminação pública, ou seja, de via pública, é ainda muito métrica, completamente divorciada dos edifícios, e da arquitetura, de seu entorno e de seu uso, de relação espacial e de hierarquia com a área urbana. Com tudo de abstrato que isso contém, esta falta de entendimento da cidade provoca desequilíbrios espaciais graves.

Para modelar o espaço público é preciso lidar com elementos contrários a isso tudo. Não é arranjar linhas métricas definidas em plantas, que nem duas dimensões têm! Devem-se ver primeiramente as funções que tomam a cidade como uma unidade, como um espaço onde há relações visuais e espaciais entre eles, para a iluminação se tornar clara ao observador, ao tempo, ao desempenho, a quem usufruir desse espaço.

O grande choque cultural neste âmbito é pensar em iluminação da cidade e não em iluminação pública. Quando métrica, e não vendo a cidade como uma unidade, é atribuição de um engenheiro elétrico, que entende isso. Você tem que exigir das pessoas certas. A exigência tem que ser feita, porque, do contrário,

continuaremos a detectar o nosso espaço público como se fosse um tabuleiro em que tem haver uma necessidade X para uma necessidade Y, necessidade esta que é do carro, uma vez é do pedestre, para o entendimento de quem conduz e não para o entendimento de quem usufrui ou se apropria do espaço urbano. Tudo isso são conceitos.

Lume Arquitetura: *Então qual seria a melhor forma de equacionar a iluminação de uma cidade cosmopolita, onde as exigências de iluminação consideram variáveis como segurança, visibilidade, regulamentações...?*

Maria João: Uma coisa é uma cidade como São Paulo, por exemplo, uma grande cidade com grandes vias rápidas e de circulação, que são elementos fundamentais de ligação que encontramos nelas. E claro que estas vias são um ponto crucial no entendimento de cidade, porque faz parte da escala desta cidade, e essa quantidade é vista, é sentida e é vivida. Quando tratamos das cidades da Europa, este tipo de cidade não existe nestes termos. Até mesmo Londres não é assim, Paris não é assim. São cidades que pertencem muito mais ao pedestre, inseridas na escala do pedestre. Portanto há vários níveis de escala. Mas, independente destes níveis, acho que o conceito é pertinente em ambas situações, resguardando suas diferenças.

Também vale lembrar que as cidades crescem e têm núcleos mais consolidados em termos arquitetônicos, portanto em varias áreas de extensão há áreas residenciais, comerciais, e cada uma delas tem forma própria de ser vivida, de ser criada, tem sua hierarquia, sua escala própria. Um plano de iluminação não só identifica isso como encontra as funções para cada uma dessas áreas. Ou seja, a solução de uma área não é exatamente aceitável em outra área. Um plano identifica problemas e desenvolve soluções para a diversidade que existe

nas cidades potenciando a sua identidade, a sua imagem a sua história urbana.

Lume Arquitetura: *Ao iluminar um monumento e seu entorno, corre-se o risco de frustrar aqueles que buscam o destaque singular pela luz, especialmente governantes eleitores. Sem o destaque, a opção será apenas pelo caráter ambiental?*

Maria João: Normalmente os clientes gostam de vivenciar luz pela quantidade, pela exuberância, pela cor, pela intensidade, porque acham que isso revela sua capacidade, seu poder de intervir nesta cidade. Só que os eleitores também não são parvos. Começam a saber distinguir entre o desnecessário excesso e a inteligência do subtil.

Lume Arquitetura: *Gostaríamos de saber sua opinião sobre um tema recorrente no lighting design, que é a quem pertence esta atribuição...*

Maria João: Acho que um lighting designer que tenha uma formação na área de arquitetura está sempre em vantagem. Isto não quer dizer que outros não possam fazer o trabalho, de forma diferente certamente, como o cenógrafo tem o entendimento da cidade de uma maneira completamente diferente do arquiteto, ou o engenheiro que terá também um entendimento completamente diferente de um arquiteto. Não quer dizer que eles não possam fazer.

Logicamente o arquiteto ganha vantagem na sua formação pelo entendimento que ele tem da cidade, do que contém esta cidade, pela proximidade que ele tem em lidar com este contexto, por todo um conjunto de apreciação e conhecimento que lhe é fácil adquirir sobre a cidade. Enquanto para os outros, isso será sempre uma dificuldade. Não se pode condenar isso, porque a formação das pessoas é preciosa para o que elas são e para o que elas fazem. A cada um deve se encontrar a melhor forma de utilizar sua formação. ◀